

Por que tanta dificuldade em aceitar as diferenças?

Amados irmãos, que a paz de Deus esteja presente na vida de vocês.

No vigésimo sexto domingo do Tempo Comum deste ano, celebrado no dia 26 de setembro de 2021, Marcos dá continuidade à sua narrativa dos ensinos de Jesus aos discípulos presentes, e a todos nós, sobre a prática cotidiana daqueles que se propõem a segui-Lo, agindo sempre segundo a sua lógica, diferentemente da lógica do mundo, destacando, em todos os momentos, a pureza de coração e o servir. Hoje, em especial, Jesus nos chama a atenção para dois aspectos essenciais: abrirmo-nos para às diferentes formas de levar seus ensinamentos para o mundo e o cuidado com tudo aquilo que nos impede de faze-lo, mesmo tendo de enfrentarmos desafios e perdas pessoais humanas.

Convido, então, todos vocês para que, após a leitura da referida passagem, reflitamos sobre sua aplicação em nosso dia-a-dia.

38Disse-lhe João: “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu Nome, e o impedimos porque não nos seguia”. 39Jesus, porém, disse: “Não o impeçais, pois não há ninguém que faça um milagre em meu Nome e logo depois possa falar mal de mim. 40Porque quem não é contra nós é por nós. 41De fato, quem vos der a beber um copo d'água por serdes de Cristo, em verdade vos digo não perderá a sua recompensa. 42Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem, melhor seria que lhe prendessem ao pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar. 43E se tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entrares mutilado par a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível. 45 E se teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é entrar com um só pé para a Vida do que, tendo dois pés, seres atirados na geena. 47E se teu olho te escandalizar, arranca-o: melhor é entrardes com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena, 48onde o *verme não morre e onde o fogo não se extingue*. (Mc 9,38-43.45.47-48)

Como já apontamos acima, a passagem de hoje dá continuidade às reflexões das semanas anteriores, quando Jesus vem anunciando a sua paixão e ressurreição e apresentando importantes orientações de vida. Mostra-nos o caminho da santidade, meios para que possamos, de fato, segui-Lo, destacando, com frequência, não ter vindo ao mundo para obter glórias humanas, mas sim para cumprir a vontade do Pai, ofertando a sua própria vida por amor à humanidade.

Apesar da inquestionável opção feita e já explicitada por Jesus, os discípulos evidenciam que não conseguiam absorver os valores do Reino, pois viam, ainda, que sua estada com Jesus, com o Messias, seria uma opção que se concretizaria na realização de sonhos de poder, de glória, de prestígio e de vitória sobre o dominador e opressor de seu povo. Dessa forma, sentem-se inquietos e ciumentos ao se depararem com pessoas ou situações que possas colocar em xeque tais desejos, bem como a sua pseudo-autoridade e seus aparentes privilégios.

Vemos que, na narrativa de hoje, um conjunto de ensinos dispersos de Jesus, originalmente independentes uns dos outros e abordando questões diversas, são recolhidos e agrupados, como se tivessem sido apresentados de forma sequencial. Entretanto, o principal tema evidencia-se na primeira parte do Evangelho, referindo-se à importância de a comunidade cristã ser aberta, tolerante, acolhedora e capaz de aceitar os diferentes gestos e ações libertadores que acontecem no diversos cantos do mundo como sinais de Deus.

Assim, as orientações de Jesus iniciam-se com sua resposta a João, diante de sua dificuldade em ver a possibilidade de pessoas levarem a diante a mensagem e as práticas relacionadas ao reino de Deus de forma distinta da dele, por alguém que não faz parte de seu grupo, que não possui vinculação direta com os explícitos seguidores de Jesus, que se encontra em ambiente diverso ao seu. Fica-nos evidente e bem exemplificada a realidade tão comumente encontrada em nossos dias com a dificuldade que temos de aceitar e partilhar distintas formas de se viver a Palavra de Deus, evidenciando uma arrogante, intransigente e sectária forma de ver o mundo que nos cerca, na busca contínua de monopolizar Deus, como se fossemos os detentores exclusivos do bem e da verdade. Mais uma vez, somos chamados para a diferença entre a lógica do mundo e a de Deus, lembrando-nos, novamente, que o Santo Espírito sobra onde e como quer e que não somos capazes de fazer qualquer tipo de julgamento sobre a vida e a prática religiosa alheia, mesmo quando as evidências nos apresentam meios diferentes dos nossos.

Ao longo da narrativa de Marcos, evidencia-se a paciência de Jesus na formação dos discípulos, mas sempre de forma contundente, aproveitando diversos incidentes diários, trabalhando na fraterna correção espiritual daqueles sinceros homens, porém ainda rudes e desnorteados quanto à lógica divina. No início da narrativa hoje em destaque, novamente um dos mais próximos precisa ser advertido, pois, como vimos, João, apresenta-se limitado e com um exclusivismo incompatível com o espírito cristão. Ele é o exemplo de muitos de nós hoje.

Quantas vezes questionamos outras pessoas ou grupos distintos, chegamos a criticar de forma veemente, a diferente prática religiosa vivida por muitos, mesmo quando estão buscando a disseminação do bem e do amor? Qual seria a “verdadeira” ou a “correta” forma de praticar a “boa” religião”? Qual seria essa boa religião? Onde estaria a verdade ensinada por Jesus para o nosso viver religioso? As práticas e as formas seriam mais importantes do que o conteúdo e a intensão das ações? Em qual momento Cristo Jesus ensinou-nos “corretos” rituais para vivermos sua Palavra? Lembremo-nos de que se mantém atual a lição de Jesus: o que é bem é bem, o amor é sempre amor, a verdade mantém-se sempre verdade, mesmo que não seja nós a praticá-la. João personifica, neste caso, a ignorância do exclusivismo, ou a inveja do êxito alheio, ou ainda o zeloso extremismo por uma prática que acreditava ser apenas herança de seu grupo direto. Não seria similar situação quanto agimos diante das diferentes práticas, mesmo evidenciando nelas o amor fraterno com os seres? Lembremo-nos das palavras do próprio Joao em sua epístola: “*Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar.*” (1Jo 4,20)

Muitos veem uma contradição entre a afirmação de Jesus acima citada: “*quem não é contra nós é por nós*” (v. 40) e a apresentada por Lucas e Mateus: “*Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa*” (Mt 12,30; Lc 11,23). Atentemo-nos para os diferentes contextos. Na narrativa de Marcos, encontramos alguém trabalhando pela causa de Deus, pelo bem e com aparente amor, distintamente da outra onde ocorre a contraposição entre a vida e morte, uma luta entre Jesus e o demónio, não podendo haver, nesta última, meio termo: ou nos colocamos do lado de Jesus, ou de Satanás, polarização esta colocada ao acusarem Jesus, por fazer milagres, por meio de pacto com o maligno, com Belzebu.

Vejamos, amados irmãos, que os versículos seguintes constituem-se em uma diferente perícope, direcionando-se ao escândalo (“propiciar a queda”, “fazer cair”, “permitir tropeço”) dos “pequenos”, condição que deve ser evitado, ou seja, tudo aquilo que possa escandalizar os frágeis e indefesos diante do mal, ou dificultar sua caminhada no caminho da santidade, deve ser, peremptoriamente, rechaçado. Sua inocência e sua vulnerabilidade jamais devem ser agredidas.

Porém, como nos exortou Jesus, precisamos ser como “crianças”, ter sua pureza de espírito, para nos adentrarmos no reino de Deus, mesmo no aqui e agora: “*Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus*” (Mt 18,3-4). Assim, a fragilidade e a inocência acima mencionadas deveriam ser um estado de espírito de todos nós, ou, pelo menos, daqueles que se propõem a, de fato, seguir Jesus em sua caminhada. Em suma, o cuidado que se deve ter em não escandalizar os “pequeninos” estende-se a todos os que estão a nossa volta, ao próximo que, a princípio, deveria estar buscando o estado de pureza espiritual diante do mundo. Qualquer ato cometido que possa atrapalhar sua jornada é motivo de condenação: “*Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem, melhor seria que lhe prendessem ao pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar*” (v. 42). Acautelemo-nos para que nossas ações jamais sejam pedra de tropeço de quem quer que seja.

Ocorre que, na continuidade do ensino hoje em destaque, Jesus chama-nos a atenção para qualquer obstáculo que impeça ou dificulte, não apenas a caminhada alheia, mas também a nossa, na busca de estarmos sempre ao seu lado, especialmente as nossas próprias ações, os nossos próprios comportamentos. É claro que a amputação de membros e órgãos mencionada por Jesus deve ser vista de forma figurada, mas Ele assim se expressa para destacar a importância de evitarmos tal risco. Frisa a necessidade de tudo fazermos, por mais que seja sacrificante para nós, com vistas ao correto caminhar em direção à santidade, em busca de nossa verdadeira e plena vida, mesmo que tenhamos de perder confortos e prazeres materiais. A perda de uma das mãos, de um dos olhos ou de um dos pés, em nada tem a ver com os membros físicos, mas sim, com perdas de condições e situações que temos e consideramos, ilusoriamente, como essenciais em nossa vida.

Como já refletimos na semana passada, faz-se necessário que nos tornemos tão puros quanto às crianças, de não nos apeguemos às aparentes conquistas mundanas, das glórias humanas, dos méritos e vitórias ligadas a este mundo. A pureza, o desapego material e a simplicidade devem fazer parte de nossa vida, reconhecendo-nos pequeninos, tal qual realmente somos, apesar de nossa condição especial pela nossa natureza divina, pois nossa força e nosso poder são decorrentes da presença viva de Deus em nós, jamais de nossos próprios méritos humanos. É dessa forma que Jesus nos adverte para a opção de perda de alguns dos nossos “membros”, caso sua permanência nos impeça de, com Ele, estarmos, de seguirmos nossa caminhada de acordo com seus ensinamentos, com sua Verdade.

Meus amados, vimos que João ao delimitar as fronteiras do grupo dos discípulos, fazendo uma separação entre os bons e os maus, tomando por meio regras e não intensões, mostra-nos a frequente tentação de, em nome de Deus, erguermos barreiras entre os homens, de agirmos como se fossemos intérpretes e representantes legítimos da Palavra de Deus, de sermos os únicos e/ou verdadeiros seguidores e fiéis de Deus, apartando todos aqueles que pensam e agem diferentemente de nós. Eis a origem do fanatismo, do sectarismo, da violência em nome de Deus! Vejam que Jesus conduz-nos para fora desse rumo. Mesmo afirmando ser a Verdade, jamais reivindicou qualquer poder neste mundo. A vinda de Jesus não foi para apartar o seres, mas sim para reunir na unidade os filhos dispersos de Deus. Lembremo-nos da fala de São Paulo:

Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade — a Lei dos mandamentos expressa em preceitos —, a fim de criar em si mesmo um só Homem Novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo. (Ef 2, 14-16)

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre na vida de vocês!

Milton Menezes